



ASPECTOS DAS DISCUSSÕES SOBRE A DINÂMICA DO TRABALHO E O SER SOCIAL NA AMAZÔNIA

Laura Michele Serrao Lima Gomes¹

Gessyca Anne da Silva Baracho²

RESUMO: O objetivo deste artigo é evidenciar aspectos das discussões sobre a dinâmica do trabalho e ser social, na Amazônia, particularmente as relações sociais, econômicas e culturais advindas com a acumulação capitalista nesta região. A Amazônia tem vivenciado ao longo da história a condição de fornecedora de matéria prima, mão de obra e tudo o que proporciona a natureza aos moldes da produtividade, demonstrações que refletem na realização do trabalho e na capacidade teleológica do homem enquanto um ser livre, um ser social.

Palavras-chave: Amazônia, Trabalho, Ser Social.

ABSTRACT: The purpose of this article is to highlight aspects of the discussions about the dynamics of labor and social being in Amazon, particularly interference social, economic and cultural stemming from capitalist accumulation in this region. The Amazon has experienced throughout history the condition supplier of raw materials, labor and all that nature provides to molds productivity, statements that reflect the performance of the work and the ability of social being teleological of man as a free being, a social being.

Key-words: Amazon, Labor, Social Being.

¹ Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: lauraassistente@hotmail.com

² Estudante de Pós-Graduação. Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: gessycabaracho@hotmail.com



I- INTRODUÇÃO

No emaranhado de interesses que transcorrem em meio ao espaço de descobertas e conquistas, as cobiças tornam-se cada vez maiores, assim como o anseio em torno do lucro e da produtividade, contrários aos costumes e a forma de viver dos nativos, do homem amazônico, do ser social que ali permanecia.

A constante procura por territórios chama atenção, na medida em que trazem em si grandes perspectivas de desenvolvimento, as quais estejam, principalmente, voltadas para a lógica em que se encontra a dinâmica do capital. Diante desta realidade, e, considerando a exuberância causada pelas suas intensas características naturais e expectativas econômicas, a Amazônia torna-se uma região que desperta interesses nacionais e internacionais.

A elaboração deste artigo decorre de algumas discussões sobre a dinâmica do trabalho e ser social, considerando o desenvolvimento na Amazônia, particularmente as relações sociais, econômicas e culturais advindas com a acumulação Capitalista nesta região. No entanto, trata-se apenas de aspectos e, por isso, limitados quanto à extensão e profundidade.

Desta forma, serão primeiramente apresentadas as discussões frente à dinâmica da sociedade capitalista na Amazônia, com destaque para as reflexões que apontam para a exploração da força de trabalho dos nativos aos moldes da acumulação capitalista.

Em outra abordagem será evidenciada a dinâmica do trabalho na ótica do crescimento da Amazônia, ressaltando o trabalho enquanto categoria central, que satisfaz e cria necessidades, com destaque para a relação entre homem, natureza e sociedade.

Em terceiro serão tratados os aspectos da capacidade teleológica do ser social, considerando o contexto da região amazônica e a discussão do homem enquanto ser social, expressando sua capacidade teleológica e a compreensão do mesmo enquanto animal e social.



II- A AMAZÔNIA FRENTE À DINÂMICA DA SOCIEDADE CAPITALISTA

Na compreensão da dinâmica que envolve a Amazônia, torna-se fundamental buscar aspectos de sua história que possibilitem apreender esta trajetória. A realidade vivenciada pela região e por aqueles que nela habitam instigam questionamentos acerca do momento da descoberta e, sobretudo, a constatação da dimensão de sua riqueza.

Ao discutir sobre a sinopse histórica da Amazônia, Leal (2010) apresenta desde o período exploratório ao de redefinição da divisão internacional do trabalho; enquanto momentos que refletem a atitude que a colonização sempre guardou em relação à Amazônia. “... entendendo-a, desde o primeiro momento, como mero espaço de saque” (LEAL, 2010 p.90).

Conforme o autor, a região amazônica desde que penetrada passou a ser saqueada por aqueles que a colonizavam, a começar pelos que nela habitavam e que ali mantinham sua própria organização, cultura e forma de viver. De acordo com Leal (2010) os padres atuavam na intenção de persuasão e amansamento, catequizando os indígenas, sem considerar suas diferenças culturais e religiosas que os afastavam do colonizador, um “brutal etnocídio sobre o nativo” (idem, p.91).

Neste aspecto vale ressaltar sobre a interpretação de Bosi (1992) a respeito da formação cultural do Brasil, quando aponta enquanto traço grosso da dominação, a importância não só em cuidar, mas também em mandar, pois como destaca o autor:

Nem sempre é verdade, o colonizador se verá a si mesmo, como a um simples conquistador, então buscará passar aos descendentes a imagem do descobridor e do povoador, títulos a que, enquanto pioneiro faria jus. (BOSI, 1992, p. 12)

Desta forma, “O exercício dessa exploração era prejudicado pela recusa do nativo em submeter-se a ela. A saída, pois, era tentar escravizá-lo, ao que, ainda mais uma vez, ele, elemento livre, resistia.” (LEAL, 1992, p.91). Neste sentido, Bosi (1992) coloca que a colonização é um projeto totalizante, uma vez que buscam “ocupar um novo chão, explorar os seus bens, submeter os seus naturais” (BOSI, 1992, p.15). Em meio ao crescimento da Amazônia, “... o dono da terra foi condenado ao extermínio”



(idem, p.95). As cobiças intensificam-se, assim como a exploração ilimitada da exuberância amazônica; fatos estes que possibilitam perceber, características significativas, da lógica que se faz presente na dinâmica da sociedade capitalista.

Nota-se, desta forma, as imposições que permeavam o desenvolvimento da Amazônia, sendo inseridos regimes de trabalho, que desconsideravam toda cultura que predominava entre os nativos, principalmente, a sua relação com a natureza, em que a abundância trazia a tranquilidade de poder satisfazer, apenas, suas necessidades.

Assim, é possível refletir, considerando a realidade amazônica na perspectiva do seu crescimento, sobre o trabalho enquanto categoria fundante do ser social e como está expresso na ordem do capital.

III- ASPECTOS DA DINÂMICA DO TRABALHO NA AMAZÔNIA.

Ao tratar sobre a iniciativa na Amazônia de se tentar uma modernização produtiva, Leal (2010) evidencia em relação ao sistema de trabalho indígena que:

“convertê-los em uma eficiente massa de estoque de força de trabalho, era mister integrá-los aos padrões culturais europeus- porem em caráter inferior e subordinado- o que significava descaracterizá-lo culturalmente.” (LEAL, 2010, p.96).

Diante da situação vivenciada, sobretudo, pelos nativos na Amazônia, tal como é destacado por Leal (2010), é válido ressaltar a discussão que envolve o trabalho, particularmente aquela que o evidencia enquanto categoria central na compreensão do homem em sociedade. Neste sentido, Parte-se das discussões apresentadas por Luckács (1979), em que o autor destaca os enunciados de Marx enquanto afirmações ontológicas.

Conforme o autor, Marx “considerou sempre os problemas da natureza predominantemente do ponto de vista de sua inter-relação com a sociedade.” (LUKÁCS, 1979, p.14, 15), e ainda evidencia sobre a produção e reprodução da vida humana, em que Marx aponta enquanto um problema central. “Marx reconhece uma só ciência, a ciência da história, que engloba tanto a natureza quanto o mundo dos homens.” (LUKÁCS, 1979, p. 15).

Nesta perspectiva ressalta-se a importância do reconhecimento da ciência da história, que Marx chamou atenção, pois ao envolver o homem e a natureza, são



proporcionadas diversos conhecimentos e discussões, dentre elas o trabalho, em que LUKÁCS (1979) destaca:

“Como sempre ocorre em Marx, também nesse caso o trabalho é a categoria central [...] é uma condição de existência do homem independente de todas as formas de sociedade, é uma necessidade natural eterna, que tem a função de mediatizar o intercambio orgânico entre o homem e a natureza, ou seja, a vida dos homens.” (LUKÁCS, 1979, p.16).

Ao considerar da centralidade da categoria trabalho, LUKÁCS (1979) destaca novamente a relação homem-natureza evidenciada por Marx, o qual identifica no trabalho uma necessidade humana, e por isso, natural eterna. Tratando-se da realidade vivenciada na região amazônica, sobretudo, na perspectiva da acumulação capitalista, a força de trabalho torna-se, essencialmente, útil para atender os interesses da produção, na medida em que na lógica do desenvolvimento capitalista o tempo passa a ser menor e inversamente proporcional ao trabalho realizado.

Neste sentido, é possível observar como o trabalho, na perspectiva da acumulação capitalista, irá para além da necessidade humana configurando em grande contribuição para o desenvolvimento das forças produtivas. Assim, LUKÁCS (1979) destaca:

“Através do trabalho, tem lugar uma dupla transformação. Por um lado, o próprio homem que trabalha é transformado pelo seu trabalho; ele atua sobre a natureza exterior e modifica, ao mesmo tempo a sua própria natureza, desenvolve as potências nela ocultas e subordina as forças da natureza ao seu próprio poder. Por outro lado, os objetos e as forças da natureza são transformados em meios, em objetos de trabalho, em matérias-primas, etc.” (LUKÁCS, 1979, p.16).

Nas discussões de Leal (2010), sobre a Amazônia Colonial portuguesa, evidenciava-se, o processo de exploração desordenada e irresponsável, e já neste período:

“estimativas seguras dão conta de que o salário mensal de um índio (que viveu num período de cem anos), convertido à comparação com os artigos comercializados à época, não era suficiente para comprar uma faca, nem mesmo um anzol. Deste modo, o índio “descido” era um escravo disfarçado compulsoriamente em trabalhador” (idem, 2010, p.92).

Considerando os aspectos que envolvem a realidade amazônica, é possível observar como as alterações na dinâmica do trabalho, particularmente dos nativos, provocaram transformações, uma vez que foram sendo introduzidas mudanças na



forma de viver para que houvesse o alcance dos objetivos dos colonizadores, neste caso a produção de excedente.

Nota-se, que a satisfação de necessidades permanece cada vez mais distante quando se considera o modo de produção capitalista, pois “O capitalista afirma seu direito, como comprador, quando procura prolongar o mais possível a jornada de trabalho e transformar sempre que possível um dia de trabalho em dois”. (LUKÁCS, 1979, p.44).

Produzir excedente e lucratividade torna-se o objetivo central para o sistema capitalista, enquanto que o trabalho ao mesmo tempo que satisfaz, cria outras necessidades, permitindo ao homem subordinar a natureza, ainda que limitado a esta por sua humanidade.

Assim, “Com o ato da posição teleológica do trabalho temos em si o ser social” (LUKÁCS, 1979, p.17), sendo importante destacar os aspectos da sua capacidade teleológica, considerando o contexto histórico da região amazônica.

IV- ASPECTOS DA CAPACIDADE TELEOLÓGICA DO SER SOCIAL E O CONTEXTO AMAZÔNICO

Ao compreender a centralidade da categoria trabalho em Marx, Lukács (1979) discute sobre o entendimento deste enquanto fundante do ser social, sendo, portanto, sua base elementar. O autor destaca que uma ontologia do ser social deve interligar tanto os objetos da natureza quanto as categorias sociais, assim, aponta para o fato de Marx querer entender o homem, discutindo sua vida humana, as formas do ser, a ontologia. Neste sentido, Lukács (1979) enfatiza que:

“O ser social - por sua própria essência - jamais pode se separar completamente de seus fundamentos naturais [...] do mesmo modo como a natureza orgânica, tem de incorporar, de forma dialeticamente superada, a natureza inorgânica.” (LUKÁCS, 1979, p.53).

Ao conhecer a natureza e realizar nesta a transformação previamente projetada no pensamento, o ser social expressa sua capacidade teleológica, permitindo a compreensão do homem enquanto animal e social. Sobre este aspecto, Neto (2004) ao discutir "Razão, Ontologia e Praxis", destaca que: “É o por teleológico



do trabalho que instaura o ser social, cuja a existência e desenvolvimento supõe a natureza e o incessante intercambio com ela” (NETO, 2004, p.35).

Para o autor, o trabalho, apesar de se constituir a objetivação mais elementar, não é única, pois o homem pode ir além interagindo não apenas com a natureza, mas com toda a sociedade.

A acumulação capitalista, na sua busca desenfreada pela exploração no território amazônico, faz desta região um grande espaço de lutas em busca de conquistas cada vez maiores, com intensas concorrências que negam, particularmente, a presença indígena, sua cultura e forma de viver.

Marx, aos tratar sobre "Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana" nos Manuscritos Econômicos e Filosóficos, aponta para o fato da produção do trabalhador ser inversamente proporcional ao que ele tem para consumir, e assim, “O trabalho produz maravilhas para os ricos, mas produz desnudez para o trabalhador. Produz palácios, mas cavernas para o trabalhador. Produz beleza, mas mutilação para o trabalhador.” (MARX, 1844, p. 152).

As contradições evidenciadas por Marx ao analisar a categoria trabalho, permite observar como as desigualdades irão permanecendo no cotidiano das sociedades, principalmente, aquelas subordinadas ao modo de produção capitalista.

Ao considerar a região amazônica, é possível observar, partindo-se dos aspectos tratados por Leal (2010), as imposições aos nativos que ali se encontravam, já que sua forma de organização diferenciava-se das finalidades da acumulação e, desta forma, foi sendo introduzida a dinâmica de trabalho que iria para além das necessidades, pois “O seu trabalho não é, portanto, voluntário, mas compulsório, trabalho forçado. Por conseguinte não é a satisfação de uma necessidade, mas somente um meio para satisfazer necessidades fora dele.” (MARX, 1844, p. 153).

Assim, Marx (1844) reflete sobre o produto do trabalho realizado não pertencer ao trabalhador e sim a um outro homem que está fora do trabalhador. Neste aspecto, Leal (2010) discute que no contexto da Amazônia as desigualdades eram evidentes e ao longo da história a população indígena esteve à mercê da exploração de suas terras e da sua força de trabalho; um confronto que intervém na sua cultura e culmina na sua resistência e destruição em massa.

No modo de produção capitalista, o trabalho é forçado e exterior ao trabalhador, e por isso não pertence à sua essência, já que é construído a partir da



sua relação contraditória com o capital. Assim, “O homem- por mais que seja por isto um individuo particular, é exatamente a sua particularidade que faz dele um individuo e um ser comunitário” (MARX, 1844, p. 172). O homem, por sua vez, se constitui em um ser livre, um ser social.

V- CONCLUSÃO

Nas discussões que envolveram a Amazônia frente à dinâmica da sociedade capitalista foram destacadas reflexões que apontam para o desenvolvimento da região associado à lógica do capital, a exemplo das imposições advindas dos colonizadores sobre os indígenas que habitavam a região amazônica, não considerando o cotidiano vivenciado por estes, a cultura e a forma de organização

No que se refere a dinâmica o trabalho na ótica do crescimento da Amazônia, foi destacada a discussão que envolve o trabalho, particularmente aquela que evidencia enquanto categoria central na compreensão do homem em sociedade. Foi possível notar a luta desenfreada pela exploração dos recursos naturais, voltada para os objetivos da acumulação capitalista, incluindo-se, nesta lógica, a matéria prima essencial e a força de trabalho necessária ao acúmulo de riquezas.

Sobre os aspectos da capacidade teleológica do ser social e o contexto amazônico, foram consideradas algumas discussões sobre a ontologia do ser social, evidenciando a relação entre homem e natureza, bem como a interação com a sociedade. Na realidade vivenciada com a acumulação capitalista na Amazônia, nega-se, particularmente, a presença indígena, sua cultura e forma de viver, sendo introduzidos objetivos que caminham na lógica da lucratividade, em que o trabalho forçado e exterior, diante da relação contraditória com o capital, passar a produzir para além das necessidades, não pertencendo, assim, a essência humana.

Nesta compreensão possibilitou-se discussões quanto aos aspectos sobre a dinâmica do trabalho e ser social, uma vez que esta região esteve mantida ao longo da história na condição de fornecedora de matéria prima, mão de obra e tudo o que proporciona a natureza e o homem aos moldes da produtividade. Ressaltar a importância do intercambio homem, natureza e sociabilidade se faz tão significativa quanto o fato deste se constituir, assim, como um ser social e por isso dotado não apenas de humanidade, mas também de liberdade.



VI- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**, São Paulo: Companhia das letras, 1992.

LEAL, Aluísio Lins. **Uma Sinopse histórica da Amazônia**. In: TRINDADE, José R. e MARQUES, Gilberto (orgs) Revista de Estudos Paraenses. Edição Especial – IDESP. Belém, IDESP, 2010

LUKÁCS, Georg. **Ontologia do ser social**: Os princípios ontológicos fundamentais de Marx. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979 (parte IV)

MARX, Karl. **Trabalho alienado e superação positiva da auto-alienação humana** (Manuscritos Econômicos e Filosóficos 1844). In: FERNANDES, Florestan (org.)

NETO, J.P. **Razão, Ontologia e Praxis**, Revista Serviço Social e Sociedade, n.44, Ano XV, São Paulo: Cortez, 2004.